

“Um sonho de satisfação oral e o reencontro do objeto”

Autora: Miriam Grajew

Psicanalista, psicóloga pelo Instituto de Psicologia da USP.
Em formação pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Membro do grupo Verso Psicanálise.

Endereço: Rua Sebastião Velho, 185/02. Pinheiros.

CEP 05418-040. São Paulo, SP – Brasil.

Telefone: 11-3062 6320.

Resumo: a partir de um sonho relatado por uma jovem internada em uma U.T.I., em estado de tetraplegia, o trabalho apresenta reflexões sobre o funcionamento da atividade psíquica, abordando conceitos metapsicológicos relacionados à oralidade, como a identificação, a introjeção, a transferência e o autoerotismo em Freud, Ferenczi e outros autores. Um sonho de comilança seria a realização de desejo como nos sonhos infantis, satisfação esta que lhe estava restrita naquelas circunstâncias. Mais além, o sonho trouxe um movimento pulsional em busca de um objeto, revelando um funcionamento psíquico num desejo de apoderamento deste.

Acompanhei uma jovem adolescente internada em um hospital da cidade de São Paulo, em estado de tetraplegia, em decorrência de um acidente de carro, que ela sofreu junto com um grupo de amigos. A partir de uma sessão em que ela me relata um sonho, proponho neste trabalho uma reflexão sobre alguns aspectos da identificação e da transferência, sob a influência da pulsão oral, e, mais especificamente, sobre a relação mãe-filha e a fascinação entre elas.

No início dos atendimentos, nossa comunicação verbal foi bastante restrita. Mariana, que completara dezesseis anos na U.T.I., estava entubada, de forma que não falava e não ingeria alimentos pela boca. Tinha notícias suas pelas expressões faciais e por um “sim”

ou um “não”, conforme o número de vezes que piscava os olhos. Depois de algumas semanas, ela passou por uma cirurgia de traqueostomia e pôde voltar a falar, mas sem que emitisse o som, e eu comecei a praticar a leitura labial.

Transcorridos três meses do início do nosso trabalho, Mariana abre um sorriso quando me vê entrar na sala de U.T.I.. Diz que comeu papinha na semana passada e que foi muito bom. Essa era a primeira vez que ela comia desde o dia do acidente. E eu pergunto se ela tem sonhado. “Sim, com mousse”, responde. Uma mousse que era de chocolate e um bolo de prestígio, e é ela mesma quem os prepara e come com imenso prazer. Em seguida ao relato, Mariana pergunta se eu sou casada, pede para eu soltar o cabelo e diz que é bonito, e eu lhe retribuo o elogio. Quero salientar que Mariana estava sempre com algum penteado e o seu rosto costumava estar maquiado. Nessa sessão, segue me contando que sua mãe vem visitá-la todas as noites e que sente muitas saudades quando ela vai embora. Por fim, pergunta se moro com minha mãe.

Em um primeiro momento, esse sonho me pareceu ser a realização de um desejo de comer, como no famoso sonho da filha de Freud, que sonha com morangos silvestres, omelete e pudim. Freud (1900, p.165) considera esses sonhos infantis uma expressão direta da realização de desejo e da vontade de se apossar de algo. Em uma nota de rodapé, ele observa que adultos teriam sonhos desse caráter com maior frequência quando estivessem em situações externas inusitadas. Apesar de essa interpretação ser bastante plausível, as associações de Mariana após o relato do sonho me levaram a formular outras hipóteses.

O conceito de introjeção

Em *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud considera que os objetos do mundo externo são apresentados ao Eu durante as experiências de auto-conservação, e as primeiras relações com o objeto são balizadas pelas sensações de prazer e desprazer que as acompanham. O Eu, então, tenta trazer para si o objeto que é sentido como prazeroso, numa tentativa de incorporá-lo, e, utilizando uma expressão de Ferenczi, acrescenta Freud: o Eu os “introjeta em si” (Freud, 1915, p.158).

Ferenczi (1909, p.95) considera que a primeira introjeção ocorre justamente nesse momento, em que o objeto do mundo externo persiste em impor-se e o Eu acaba por incluí-lo como uma extensão de si. É assim que acontece, por exemplo, o primeiro

amor: pela transferência das sensações prazerosas, que são inicialmente autoeróticas, para o objeto, com a inclusão dele nos interesses do Eu, como sendo o objeto uma extensão mesma do Eu. É dessa maneira que o neurótico, ao introjetar os objetos, distribui seu amor pelo mundo, e sai em busca de objetos de identificação, atraindo o que pode para o seu interesse.

Ferenczi (1909) afirma que

amar a outrem equivale a integrar esse outrem no seu próprio ego. (...) É essa fusão entre os objetos amados e nós mesmos, essa fusão desses objetos com o nosso ego, que designamos por introjeção e – repito-o – acho que o mecanismo dinâmico de todo amor objetal e de toda transferência para um objeto é uma extensão do ego, uma introjeção (p.210).

Portanto, no início da vida, o bebê sente prazer saciando a fome e depois passa a amar a mãe também. No sonho de Mariana, acredito que a mousse e o bolo de prestígio buscaram aplacar a sua fome, mas, ao longo da sessão, como vimos, seu interesse voltou-se para a mãe.

Com isso em mente, voltemos à metapsicologia dos primórdios do desenvolvimento. Freud (1921, p.116), em *Psicologia de grupo e análise do ego*, considera que a identificação é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa e desempenha um papel importante na história primitiva do complexo de Édipo. Ela acontece antes de qualquer escolha de objeto sexual e o Eu esforça-se por se moldar de acordo com os aspectos desse primeiro modelo, assimilando-o como na ingestão.

Nesse processo, os cuidados maternos também são assimilados. E é parcialmente introjetada a importante função de páraexcitação exercida pela mãe, que, como considera Fernandes (2006, p.206), inclui a capacidade dela de proteger, mediar e libidinizar seu bebê. A introjeção dessa função permite ao bebê enfrentar as adversidades na ausência da mãe e “organiza o contato da criança com seus amores e seus ódios, sua capacidade de amar e de destruir, de vincular-se ao outro ou de isolar-se, mas também de promover o prazer e de suportar o sofrimento” (Fernandes, 2006, p.206).

Fernandes (2006) considera ainda que o processo identificatório primário pode ficar restrito à *incorporação*, sem que haja a introjeção. Na incorporação, ao invés de ocorrer uma separação do objeto, a ligação objetal primária é reforçada. Török (1995, p.246)

nos oferece uma imagem bastante elucidativa para distinguir esses dois movimentos. Ela sugere que o paradigma da introjeção é uma experiência de boca vazia que o bebê aprende a preencher com palavras, assistido por uma mãe que possui linguagem em suas constantes idas e vindas, em contraposição a uma experiência de boca cheia de seio. Na incorporação, portanto, a mãe que se ausenta é colocada para dentro, ali onde haveria uma falta. Nas palavras de Török, a incorporação

é recusar o luto e suas consequências, é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que está perdido, é recusar saber o verdadeiro sentido da perda, aquele que faria com que, sabendo, fôssemos outro, em síntese é recusar sua introjeção (Török, 1995, p.245, grifo do autor).

Portanto, a introjeção pressupõe um luto, em que a perda do objeto se faz tolerável, e assim, o que se encontra perdido no outro pode ser introjetado. Mariana teria se separado de sua mãe e introjetado aspectos dela mesma, e da feminilidade, ao longo de sua vida. Ela se interessava pelos aspectos da feminilidade presentes em mim, o que me leva a pensar que Mariana teria introjetado esses aspectos. Mas nessa nova condição, parece que a separação da mãe era sentida como muito dolorosa, como se uma parte de Mariana fosse embora a cada despedida.

A angústia

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926, p.136) concebe que a criança de colo deseja perceber a presença de sua mãe, e sente saudades e angústia quando não a tem por perto, em função de já saber que ela a satisfaz sem demora, e que tem a sua proteção quando se encontra num estado de crescente tensão devido à necessidade, estando inerte frente a elas. O conteúdo que ela teme não é mais essa desprazerosa situação econômica, de acúmulo de excitação sem que haja escoamento, mas a própria perda do objeto que a satisfaz, o que a deixa psicologicamente desamparada em sua ausência. Esse é um primeiro movimento da criança providenciando sua autopreservação, ao clamar pela mãe antes que a temida situação de perigo e desamparo ocorra; ou seja, ela sente ansiedade pela perda do objeto como um sinal antecipatório à situação de perigo.

Nas mulheres, o perigo sentido pela perda do objeto teria sido mais efetivo, não se tratando mais de sentir a necessidade do próprio objeto ou de perdê-lo, mas de perder o amor do objeto. Para Freud (1926), “afigura-se provável que, como um determinante da ansiedade, a perda do amor desempenha o mesmíssimo papel na histeria que a ameaça

de castração nas fobias e o medo do superego na neurose obsessiva” (p.141). Mariana encontra-se em uma situação entre a vida e a morte. Ela respira por máquinas que podem falhar e que a colocam em uma situação de muita excitação, e só o outro garante a sua sobrevivência. É uma situação que gera muita angústia e dependência do outro.

A relação mãe-filha

No texto de 1931, *A sexualidade feminina*, Freud (1931, p.245) considera que a menininha, em suas fantasias, acredita que a sua primeira figura sedutora é a própria mãe, tendo em vista tudo o que viveu de forma passiva, sendo ela limpa, alimentada, vestida e erotizada por sua mãe. A menininha vai então tentar repetir ativamente isso que viveu passivamente. Em suas brincadeiras de boneca, começa a executar o que antes era feito por ela e depois passa a conceber a mãe como objeto, comportando-se, enfim, como um sujeito ativo diante dela.

Voltando ao sonho de Mariana, temos a imagem de um bolo que era de *prestígio*, e que, segundo o dicionário Aurélio, pode ser interpretado como um artifício para seduzir, fascinar, encantar. Chamava-me muita atenção o fato de ela estar sempre arrumada, sorridente, cativante, fazendo-se ativamente esse *prestígio* encantador. É significativo que sua condição física não lhe permitia maquiar-se, pentear-se, lavar-se e penso que justamente esse carisma acabava provocando grande investimento das enfermeiras, da prima, da mãe, e também de outras mulheres. Quando encontrei com a mãe de Mariana no hospital ao lado dela, ambas teciam muitos elogios entre elas, com enorme força de atração.

Além de se mostrar essa adolescente fascinante, por outro lado, ela também estava sempre pronta para se interessar pelas mulheres, para se deixar seduzir por elas. Mariana demonstrava curiosidade pelas enfermeiras e por outras profissionais da equipe, observando suas roupas, se eram casadas ou se os namorados eram bonitos. Lembremos de Dora, que se fascinou diante do quadro da Madona Sistina, numa tentativa de descobrir, por ela mesma, o que é ser uma mulher. Freud (1905, p.95) se pergunta o que ela procura, e, para ele, Dora estaria justamente em busca da feminilidade. Ela, não encontrando repostas em sua mãe apática, volta-se para a Sra. K., a quem tecia elogios por seu adorável corpo alvo, como aponta Serge André (2011, p.182). Ela permanece por duas horas diante do quadro da Madona Sistina, e, uma vez

identificada com o seu adorador que lhe enviava postais, tenta se apossar não só dessa mulher Madona, *mas dela mesma*.

O ódio e a possibilidade de separação

Freud, muito refinadamente, observa que a menina, em suas palavras, é “em geral, menos agressiva, desafiadora e auto-suficiente; ela parece ter mais necessidade de obter carinho e, por esse motivo, de ser mais dependente e dócil” (Freud, 1933, p.118). Porém, no decorrer do desenvolvimento, a agressividade da menina não é menor que a do menino e, posto isso, Freud irá relacionar a supressão da agressividade dela com o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas. Essa passagem é extremamente interessante para a problemática do feminino¹.

Alonso (2011, p.284) considera que a mãe investe em sua filha, reconhecendo-a como igual no gênero, acolhendo o corpinho dela e, assim, inserindo-a nesse campo da feminilidade, projeto esse de uma construção que é singular e que perdura a vida toda. Portanto, a mãe funciona como um primeiro espelho estético para sua filha e a supressão da agressividade da menina garantiria a ela esse crucial investimento de sua mãe.

Igualmente interessantes são os aspectos da maturidade da mulher que Freud observa. Além de mais envergonhadas, mais vaidosas e maior necessidade de serem amadas, haveria nas mulheres maior disposição para a bissexualidade em decorrência do seu período pré-edípico. E, curiosamente, Freud irá relacionar essa bissexualidade com o que os homens chamam de “enigma das mulheres” (Freud, 1933, p.130). Seria justamente nesse amor homossexual que se daria o enigmático caminho para a constituição da feminilidade? Para Joyce McDougall (1997, p.15), a libido homossexual serve para estabilizar a autoimagem narcísica, para que a menina seja capaz de dar a si mesma um pouco do amor que experimentou em relação a sua mãe e ao corpo dela (McDougall, 1997, p.15).

¹ Sobre o ódio e o masoquismo na relação mãe-filha, remeto o leitor para o artigo de Le Guen, *O engodo feminino do masoquismo originário* publicado na Revista Percurso no. 18 – 1/1997. Para uma pesquisa mais aprofundada indico a leitura do livro *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*, de Brenno Rosenberg.

Em suma, temos de um lado que a menina que investe na mãe mulher, pode dar a si mesma esse amor que teve por ela e pelo seu corpo, incorporando aspectos da feminilidade da mãe amada. E do outro lado, como vimos, a mãe que investe na menina, como um espelho para ela, ajuda a pequena a se apropriar de seu corpo feminino.

Mas, para que essa construção da feminilidade se dê, Alonso (2011, p.295) considera necessário que haja um vazio na relação com a mãe, quando a menina não mais atribui uma onipotência incondicional a ela. Ou seja, faz-se necessário um luto pela perda desse objeto, como vimos em Torök. A menina pode, então, introjetar aspectos dessa relação, constituindo-se ela própria com um corpo feminino, e sendo capaz de amar a si e os outros.

Mariana, em decorrência do evento traumático externo, encontrava-se em uma situação de muitas frustrações, o que favorecia um processo regressivo. Ela buscava a figura do primeiro objeto protetor, onde encontrava a garantia da satisfação, sentindo ânsia pelos encontros com a mãe. E esse seu aspecto sedutor, fazendo-se um prestígio para os outros, em busca de ser amada, num movimento histérico, creio que era a maneira como ela funcionava psiquicamente antes do acidente.

Segundo McDougall (1997), no período da adolescência, tipicamente a filha rejeita a mãe de vários modos, mas, nos anos que se seguem, reconcilia-se, e ela precisa, então,

arrancar de sua mãe o direito de ser ela própria, identificando-se com sua genitora em seu mundo psíquico interno, mas também precisa de sua mãe, externamente, como guia, como consoladora e auxiliadora nos anos que se seguem (McDougall, p.13).

Mariana, na sessão seguida da notícia que recebe de que não andaria mais com as próprias pernas, fica muito contente quando a mãe lhe diz que cuidará dela independentemente de qualquer outra coisa, declarando um amor incondicional. Minha hipótese é de que Mariana não sentia a dor pela perda de seus movimentos, pela perda do corpo que tinha antes do acidente, mas parecia sentir a dor pela ausência de sua mãe e um imenso prazer ao receber dela seus cuidados e suas declarações de amor.

Apesar da adolescência, a separação da mãe nesse momento era sentida por Mariana como uma tarefa extremamente custosa e perigosa. Penso que pelos seus recursos histéricos, de sedução e busca do amor do outro, ela se organizava nessa nova situação, evitando o desprazer das suas necessidades básicas não atendidas e a angústia pela

perda do objeto. Mariana tinha agora um corpo que lhe era novo e ao mesmo tempo, não tinha notícias dele pela dor física. E é justamente nessa dor que o Eu tem notícias de si, conforme Freud (1923).

Aliás, na medida em que adoecimentos que produzem dor são capazes de fornecer ao sujeito novos conhecimentos a respeito dos seus órgãos internos, poderíamos até pensar que talvez esse seja o modo de como se forma a concepção que temos do nosso próprio corpo (Freud, p.38).

Freud segue dizendo que “o Eu é sobretudo um Eu corporal” (p.38), e, portanto, além do tato, a dor também desempenha um papel na formação do Eu. Mariana, tendo poucas notícias de si por essas vias, e, portanto, detinha uma ínfima possibilidade de representar o próprio corpo, corpo esse que estava em muitas partes imóvel e que precisava de inúmeros cuidados.

Freud, em *Inibição, sintoma e angústia*, apresenta um refinado pensamento sobre a dor e o desamparo, afirmando que:

A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia de objeto. Uma representação de objeto que esteja altamente catexizada pela necessidade instintual desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizada por um aumento de estímulo (Freud, 1926, p.166).

O excesso de excitação decorrente do trauma que Mariana sofreu, sem que houvesse uma preparação para tal, ainda não teria encontrado representação psíquica. Como Freud (1920, p.197) afirma em *Além do princípio de prazer*, o sobreinvestimento narcísico na ferida do corpo liga o excesso de excitação e previne contra o desencadeamento de uma neurose traumática. Em Mariana, esse investimento narcísico no corpo traumatizado deslocou-se para o objeto, dificultando a separação deste, pelo enorme grau de investimento depositado nele. Ela sentia muita angústia e dor pela ausência materna.

E, por meio da sedução e de um funcionamento mais histérico, utilizando recursos da feminilidade, ela buscava o olhar do outro. E, assim, esse outro que investia nela, poderia trazer representações de seu corpo, quando, por exemplo, sua mãe passava creme em sua perna, sendo esta forma de ela se olhar pelo olhar do outro. Ela não mais conhecia o próprio corpo. Nesse momento, Mariana ainda dependia das funções de para-excitação externas a ela, que a protegia e suportava a sua dor. Mariana dependia disso, naquela situação, para a sua própria sobrevivência.

Referências

- ALONSO, Silvia Leonor. **O tempo, a escuta, o feminino**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FERNANDES, Maria Helena. **Transtornos alimentares**. 2ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- FERENCZI, Sándor (1909). *Transferência e intorjeção*. In: **Psicanálise I**. 2ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24v.
- _____. (1900) A interpretação dos sonhos, V. IV.
- _____. (1905) Fragmento da análise de um caso de histeria V. VII.
- _____. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. V. XVIII.
- _____. (1926). Inibição sintoma e ansiedade. V. XX.
- _____. (1931) A sexualidade feminina. V. XXI.
- _____. (1933) Conferência XXXIII A feminilidade. V. XXII .
- FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.
- _____. (1915) Pulsões e destinos da pulsão. V. 1.
- _____. (1923) O Eu e o Id. V. 3.
- _____. (1925) A negativa. V. 3.
- FREUD, Sigmund (1920). *Além do princípio do prazer*. In: **Obras completas volume 14**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2ª Ed, Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- MCDUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NICOLAS, Abraham; TÖROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.